

HUMAN: Reflexões sobre a humanidade a partir das racionalidades instrumental e substantiva

FERNANDA COSTA SILVA

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET/MG)

POLYANE AVELAR REZENDE

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET/MG)

BARBARA GABRIELLE SILVA

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS (CEFET/MG)

HELLEN CORDEIRO ALVES MARQUEZINI

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO (FGV-EAESP)

Agradecimento à orgão de fomento:

Agradecimento ao Programa de Pós-Graduação do CEFET-MG.

HUMAN: Reflexões sobre a humanidade a partir das racionalidades instrumental e substantiva

Resumo

As explicações da realidade, da metafísica até o positivismo, são partes integrantes dos grandes debates com vistas ao esclarecimento dos fenômenos que circundam os indivíduos, enquanto seres humanos e enquanto seres sociais. No que diz respeito aos fenômenos da formação social, considera-se que são frutos de uma construção coletiva, porém se compõe de sujeitos detentores das suas próprias subjetividades. Por meio da análise do filme documentário *Human*, este artigo se propõe a provocar reflexões acerca da transgressão da essência do ser humano ocasionada pela racionalidade instrumental, ilustrando como a imposição estrutural da sociedade aprisiona o sujeito em suas relações de trabalho. De forma complementar, refletir como a ação humana deve ser realizada como uma prática para o coletivo. Para cumprir com o propósito, foram selecionados fragmentos de depoimentos do filme documentário *Human* como ilustração, submetendo-os às concepções metodológicas da análise fílmica. O referencial teórico, amparado nas construções da Escola de Frankfurt e também, teóricos brasileiros da teoria organizacional crítica, encontra em Guerreiro Ramos o fundamento do debate por meio da ênfase na racionalidade substantiva. A análise versou sobre (i) as relações de trabalho e a lógica instrumental e (ii) a prática para o coletivo como fundamento da essência humana. Em conclusão, além de resgatar fragmentos do documentário filme *Human*, contrapondo as narrativas com o referencial teórico proposto, percebeu-se que os indivíduos, em sua essência, são dotados de percepções próprias do contexto social em que estão imbuídos.

Palavras-chave: *Human*; análise fílmica; Guerreiro Ramos.

Introdução

A apreensão da realidade sempre esteve presente nos debates científicos de forma a esclarecer os fenômenos que circundam os indivíduos enquanto seres humanos e enquanto seres sociais (Vizeu, 2004; Rabelo *et al.*, 2015), passando pela “ontologia através do conhecimento metafísico” até a razão comprovada cientificamente (Rabelo, 2015, p. 107). Esta, entendida como racionalidade que é comumente relacionada à era moderna, permanece até a atualidade de forma predominante, ou seja, o universo econômico prepondera e se ramifica sobre os demais universos da vida social (Vizeu, 2004).

Contudo, considera-se que a virtude natural humana, intrínseca à essência dos indivíduos, seria capaz de direcionar suas vivências à autorrealização em um movimento de forma equilibrada entre essa busca emancipatória e a obtenção da “satisfação social”, considerando para tanto os direitos alheios; fundamento da “teoria substantiva da vida humana associada”, defendida por Guerreiro Ramos (Serva, 1997, p. 19).

Por meio da análise do filme documentário “*Human*”, este artigo se propõe a provocar reflexões acerca da transgressão da essência do ser humano ocasionada pela racionalidade instrumental, ilustrando como a imposição estrutural da sociedade aprisiona o sujeito em suas relações de trabalho. De forma complementar, refletir como a ação humana deve ser realizada como uma prática para o coletivo.

Para cumprir esse propósito, foram selecionados fragmentos de depoimentos do filme documentário *Human* como ilustração, submetendo-os às concepções metodológicas da análise fílmica (Vanoye & Galiot-Lété, 2008; Penafria, 2009; Oliveira, 2017; Mombelli & Tomain, 2014) para, então, proceder as discussões com base no referencial proposto. O filme documentário *Human* foi lançado no ano de 2015, com direção e roteiro de Yann Arthus-Bertrand e produção de Florent Gilard. A produção trata-se de uma tentativa de explorar as

perspectivas dos seres humanos, das mais diversificadas culturas, acerca de suas essências de forma a compreender o que realmente somos. Para a escolha dos trechos, buscou-se contemplar fragmentos cujo os relatos apontam a trajetória dos indivíduos sob a perspectiva do trabalho e sob a perspectiva da coletividade.

O referencial teórico, com vistas a direcionar o foco para a racionalidade instrumental enquanto fundamento da lógica social, amparou-se nas construções da Escola de Frankfurt (Marcuse, 1975; Horkheimer, 1990; Kellner, 2001) e também, nas construções de teóricos brasileiros da teoria organizacional crítica (Tenório, 1990; Serva, 1997, 2015; Pizza Júnior, 1994; Silva, 2001; Paes de Paula, 2014;), encontrou em Guerreiro Ramos (1981, 1984, 1989) o fundamento do debate por meio da ênfase na racionalidade substantiva.

A metodologia análise fílmica tem despontado nos estudos organizacionais com formatos diversificados, promovendo reflexões acerca do trabalho, subjetividades, desigualdades sociais, dentre outros (Carmo *et al.*, 2018; Montenegro & Ferreira, 2019), o que corrobora a decisão de contemplar este trabalho com uma seção destinada ao aprofundamento da referida metodologia. Ademais, a análise fílmica além de ampliar a percepção do registro da obra, possibilita ao telespectador usufruir melhor o seu conteúdo (Vanoye & Galiot-Lété, 2008).

Esse artigo está estruturado em cinco (05) seções, incluindo esta introdução. A seção seguinte apresentará o referencial teórico do artigo: (I) A atividade humana na ordem instrumental da sociedade; (II) A Racionalidade Substantiva enquanto percurso para uma nova ordem social. A terceira seção apresenta o arcabouço metodológico da análise fílmica. Adotou-se esse arcabouço enquanto proposta metodológica por apresentar conceitos e metodologias fundamentais para a operacionalização da análise e alcance do objetivo proposto neste artigo; análise esta que será apresentada na seção subsequente visando a condução ilustrativa acerca das construções sociais por meio dos pressupostos teóricos que dizem respeito a apreensão da realidade pelos seres humanos. Por fim serão apresentadas as considerações finais.

Referencial

A construção deste referencial envolveu os conceitos da racionalidade instrumental e a integração da atividade humana dentro do formato social racional e, em seguida, a racionalidade substantiva como meio para o reordenamento social.

A atividade humana na ordem instrumental da sociedade

A razão moderna estabelecida nas ciências sociais foi construída por meio da razão como “cálculo utilitário” (Ramos, 1989, p. 2). Max Weber, teórico social que se concentrou na compreensão dessa racionalidade – a razão tipificada como “instrumental” –, desencadeou outros grandes debates acadêmicos interessados em desvelar as questões dessa compreensão da razão que fundamenta a atividade humana no intento organizacional, principalmente sob o aspecto crítico (Serva, 1997). Nesse sentido, na Escola de Frankfurt, principal referência de teóricos que se propuseram a construir abordagens conceitualmente críticas à racionalidade instrumental, a afirmativa central diz respeito à transformação da razão em um instrumento dissimulado, cujo objetivo é a perpetuação repressiva da sociedade (Ramos, 1989).

De acordo com Horkheimer (1990), o racionalismo trata-se de uma tendência inicialmente estudada por René Descartes que se desmembrou para admissão da “substância espiritual” de forma totalmente dissociada da “realidade física”. O desenrolar dos estudos de Max Horkheimer e Theodor Adorno envolveu, principalmente, o constructo de uma teoria baseada na massificação dos meios de comunicação com vistas a aprisionar o indivíduo no modelo racionalista da ação social. A indústria cultural, cuja intenção é prolongar o papel do trabalhador no meio social, ou seja, por meio dela é que os indivíduos se sentem dotados de necessidades de consumo da sua produção, trata-se sobretudo de um dos meios de manutenção do *status quo* estabelecido pelo capital.

Para Kellner (2001, p. 44), “Os produtos das indústrias culturais tinham a função específica, porém, de legitimar ideologicamente as sociedades capitalistas existentes e de integrar os indivíduos nos quadros da cultura de massa e da sociedade.” Sob este aspecto, a sociedade contemporânea se reproduz tendo a indústria cultural papel central, pois enquanto forma de lazer, é capaz de se apresentar por meio de importantes agentes socializadores e mediadores das realidades políticas, cujos efeitos institucionais integram a economia, a política, a cultura e o meio social (Kellner, 2001).

Portanto, para a formatação da sociedade, cujos princípios são oriundos do capital, a trama envolve contundentemente e de forma dissimulada os produtos culturais, denominados pela Escola de Frankfurt como “cultura de massa” especificamente engatada com a finalidade de legitimação ideológica do ordenamento social capitalista (Kellner, 2001). Para Kellner (2001) a modernidade impôs a cada indivíduo a necessidade de desenrolar o seu papel social ou vários papéis sociais, por vezes, vinculados à individualidade, mas em paradoxo são, na verdade, modelos provenientes da própria cultura de consumo.

Marcuse (1975) ponderou que a instrumentalidade como gratificação para o desejo humano vai tomando proporções grandiosas e nessa perspectiva, a sociedade é que organiza os sujeitos, reprimindo-os e deslocando suas necessidades originalmente instintivas. Tal deslocamento, portanto, não anula “o princípio do prazer” e este é considerado o fundamento da civilização, mas submerso por uma realidade externa, sendo que “A subjugação efetiva dos instintos, mediante controles repressivos não é imposta pela natureza, mas pelo homem.” (Marcuse, 1975, pp. 36-37).

Acerca deste ordenamento social do ocidente, o mesmo foi analisado por Max Weber como sendo fruto de uma lógica capitalista, que associa a produção de dinheiro e a aquisição à finalidade dos homens dotados de virtude e de forma vocacional, ou seja, a obrigatoriedade de realizar a atividade profissional fundamenta a “ética social” na cultura do capitalismo. Mesmo que tal lógica seja reconhecida desde tempos mais remotos, a era moderna dotou o capitalismo de poder sobre a vida humana ocidental e no que diz respeito à atividade empresarial, esta se apresenta como “um imenso cosmos, no qual o indivíduo nasce, e que se apresenta a ele, pelo menos como indivíduo, como uma ordem de coisas inalterável, na qual ele deve viver” (Weber, 1999, p. 34).

Para Arendt (2019) o processo trabalhista envolve a permissão dos homens para explorarem a sua própria raça por meio de relações que envolvem o domínio de uma classe sobre outra. O potencial produtivo do homem em seu percurso vital é capaz de gerar bens de consumo em quantidade mais elevada, por exemplo, do que seria necessário para suprir sua sobrevivência e de seus familiares, sendo que trabalhar e consumir se tornaram duas partes integrantes do ciclo de vida (Arendt, 2019). A racionalidade instrumental nega a subjetividade, obrigando os sujeitos a se identificarem com o seu modo de vida e, dessa forma, propalar tal formato em que os resultados são mensuráveis e utilizados como elementos de distinção e diferenciação dos sujeitos no meio organizacional (Enriquez, 1997).

No cerne dessa concepção racional do trabalho, sob a ótica do ocidente, a análise weberiana parte do pressuposto de que a atividade laboral humana reflete a ética da religiosidade em que a atividade realizada pelo indivíduo se apresenta como vocação (Silva, 2001). Para Silva (2001, p. 4):

No centro dessa lógica cultural, o “trabalho” é fundamentado como o sentido da existência do homem, aplicado indiscriminadamente a todas as categorias dos indivíduos. Ou seja, o homem está ligado direta e intensamente na sua relação com o trabalho em suas ocupações especializadas, possibilitando assim uma produção tanto qualitativa quanto quantitativa nas relações sociais de produção, o que caracteriza nesse sentido um trabalho racionalizado que torna compatível tempo e produção qualificada, associados a lucratividade e acumulação.

Esse diagnóstico do modelo social imposto por meio do capital apregoa que a adaptação dos indivíduos em uma sociedade conduzida por tais valores se faz necessária para que sejam reconhecidos enquanto participantes essenciais ao seu funcionamento, sendo que os demais passam a pertencer à categoria de “desqualificados sociais”, submetidos ora à subalternação trabalhista ora à marginalização (Enriquez, 1997, p. 8). O *modus operandi* da sociedade se baseia na conciliação dos indivíduos e sua existência ao formato instrumental para que haja a perpetuação desse sistema estabelecido (Marcuse, 2018).

No que diz respeito às instituições sociais, evidencia-se a racionalidade instrumental na medida em que o desempenho humano é algo mensurado a todo o momento para que seja sempre comparado com o desejável e, de forma específica no meio empresarial, há efetiva participação das organizações para tal mensuração com vistas à contínua melhoria dos aspectos que circundam este contexto competitivo (Muzzio, 2014).

Contudo, o conjunto dos princípios advindos da racionalidade instrumental que permeia as instituições já não está sendo capaz de suprir as necessidades sociais e individuais e o meio social bem como as culturas capitalistas contemporâneas “estão numa situação de aparente crise eterna em que a deterioração das condições sociais aumenta o sofrimento humano.” (Kellner, 2001, p. 419). Para Enriquez (1997) é como se o futuro traçado por constantes ameaças, que exige dos indivíduos a intermitente busca pela superação, já não faz sentido pois se apresenta como um cenário em que somente as organizações continuarão perenes e seguras.

Nessa perspectiva, Horkheimer (1990, p. 129) reflete que “Numa vida que transcende as formas burguesas da existência em sentido progressista, os objetivos individualistas não são nem combatidos nem suprimidos, mas se escondem por trás das metas decisivas para toda a sociedade.” Ramos (1984) também refletiu sobre essa questão e apontou que crises organizacionais são decorrentes do não reconhecimento das carências básicas dos indivíduos e com esse reconhecimento, torna-se difícil a motivação por meio das tradicionais práticas de gerência. A reflexão acerca das subjetividades individuais sempre esteve presente no trabalho de Guerreiro Ramos, que refletia que “o desenvolvimento e a renovação organizacional, atualmente, só têm sentido até o ponto em que representam uma tentativa para dar às pessoas uma sensação de verdadeira participação social.” (Ramos, 1984, p. 8).

Assim, a pesquisa crítica se orienta para o processo emancipatório do homem por meio da autorreflexão, considerando que a racionalidade instrumental o aprisionou e o fez parte integrante de uma lógica da vida que, na verdade, está baseada na “expressão deformada da realidade” (Ramos, 1989, p. 20). Reconhecendo o mérito dos teóricos frankfurtianos, Ramos (1989) aponta, contudo, que é precária a compreensão racional do homem simplesmente como ser utilitário e que a crítica da razão moderna deve se empreender com propósito de desenvolver uma “nova ciência organizacional”.

Se direcionarmos a lupa para o estudo das organizações, a sua teoria em termos práticos, de acordo com Guerreiro Ramos, fundamenta seu sucesso por meio da instrumentalidade, mas no que se refere à subjetividade dos indivíduos, se ampara em embasamentos ingênuos para tal interpretação e isso ocasiona a inoperância teórica do campo de estudo, bem como proporciona a desfiguração da “vida humana associada” (Paes de Paula, 2014, p. 186). Boeira (2002, p. 5) enfatizou que a pretensão de Guerreiro Ramos foi “ir além da desmontagem crítica e histórica da razão instrumental”, construindo um modelo baseado na razão substantiva. Neste sentido, disserta-se na seção seguinte sobre a racionalidade substantiva enquanto percurso para uma nova ordem social.

A Racionalidade Substantiva enquanto percurso para uma nova ordem social

De acordo com Ramos (1984, p. 5), “A validade do homem operacional está tacitamente aceita. Ele tem sido considerado um recurso organizacional a ser maximizado em termos de

produto físico mensurável.” No que diz respeito a teoria da organização, Ramos (1989), enfatiza a sua ingenuidade em se basear na racionalidade instrumental já que se trata de uma construção inerente e dominada pela ciência social do ocidente.

Para Ramos (1984) o homem operacional, ou seja, aquele compreendido puramente enquanto recurso organizacional mensurável e nessa perspectiva, trata-se da compreensão unilateral do indivíduo apenas como um ser que a todo momento deseja a ascensão no âmbito organizacional. Contudo, Ramos (1984) considerou que uma grande parte de trabalhadores não encontra no labor a “motivação central de sua vida” e este fato é relevante para a compreensão do social. Sob esse aspecto Ramos (1984) considerou, contudo, que a indicação de influência da vida do trabalho na vida fora dele, conseqüentemente, pode alienar os indivíduos que se encontrem em situação de descontentamento com a sua atividade laboral.

Em outra perspectiva acerca dessa lógica, Ramos (1984) refletiu que ao considerarmos que a alocação escassa do trabalho pode ser resultante da distorção institucional e não necessariamente da falta de uma oportunidade social ou não associado à inaptidão individual, neste momento este indivíduo se encoraja para se tornar politicamente ativo e não mais docilizado. Ramos (1984, p. 9) enquadra esse indivíduo em um modelo próprio e o denomina de “homem parentético” que teria as características opostas ao homem operacional e ao homem organizacional, ou seja:

...não iria esforçar-se demasiadamente para obter sucesso, segundo os padrões convencionais, como faz aquele que quer subir. Daria grande importância ao eu, e teria urgência em encontrar um significado para a vida. Não aceitaria acriticamente padrões de desempenho, embora pudesse ser um grande empreendedor quando lhe atribuíssem tarefas criativas. Não trabalharia apenas para fugir à apatia ou indiferença, porque o comportamento passivo iria ferir seu senso de autoestima e autonomia. Iria esforçar-se para influenciar o ambiente, para retirar dele tanta satisfação quanto pudesse.

Nessa linha de raciocínio, em contraposição à perspectiva da racionalidade instrumental, Ramos (1989) propõe a racionalidade substantiva, sendo esta naturalmente oriunda dos homens por residir na psique humana. “A racionalidade substantiva permite aos indivíduos organizar e dirigir suas vidas pessoais em busca da autorrealização e do autodesenvolvimento” (Lima, Amorim & Fisher, 2015, p. 163). Corroborando com essa definição, Serva (1997) conceitua a ação racional substantiva como um tipo de ação guiada para a autorrealização, possibilitando atingir a satisfação social e tendo como base o debate racional e o julgamento ético-valorativo das ações. Ainda, de acordo com o autor, possui como elementos constitutivos a autorrealização, o entendimento, o julgamento ético, a autenticidade, os valores emancipatórios e a autonomia.

O cenário da industrialização e concentração de propriedade nas mãos de uma pequena parcela da sociedade, detentora do poder decisório sobre as formas de organização, provocou uma deturpação do conceito de racionalidade (Santos, 2019). Ramos (1981) salienta que há uma constante tensão entre o agente e a organização, uma vez que quanto mais o agente se preocupa com questões que sejam pertinentes à sua autorrealização dentro da organização, maiores serão os esforços desta para limitar sua autonomia. Há, nesse sentido, a existência de um ambiente insólito e gerador de infelicidades, promovendo a prática de abusos e a violência dentro das instituições (Serva *et. al.*, 2015). Guerreiro Ramos, no entanto, não formulou a razão substantiva para ser um marco contra esse sistema, nem uma negação do papel desempenhado pelas organizações, mas com o objetivo de devolver aos agentes o poder de pensar e agir de forma crítica, utilizando-se de critérios substantivos e, não apenas, pensando em questões ligadas ao consumo ou na acumulação de bens (Pizza Júnior, 1994).

A teoria substantiva da vida humana se fundamenta com o exercício social da realidade que seja comum aos indivíduos, em seu tempo, em seu lugar e, enquanto teoria, vincula-se ao legado mental de teóricos sensibilizados com a precariedade da idade moderna e que atuaram

nesse legado com razão, esta em sentido substantivo do ser humano (Ramos, 1989). É desse conteúdo que Guerreiro Ramos se alimenta para a formulação dos pressupostos a caminho de uma nova ciência para o estudo das organizações, principalmente com estudos de Karl Polanyi (Serva, 1997).

Paes de Paula (2007, p. 182) enfatizou que a proposta de Guerreiro Ramos é propor a libertação da natureza humana do pragmatismo comportamentalista e delimitar a atuação organizacional de forma a formatar as condições necessárias que estimulem “novos empreendimentos sociais que atendam às necessidades dos indivíduos”. Para a delimitação da atuação organizacional, a concepção substantiva da vida associada requer que a economia seja regulada politicamente (Ramos, 1989).

O sistema social é composto por diversificados microssistemas, sendo as organizações casos particulares, e a égide que permeia a realização de suas atividades não deveria perpassar para “espaço vital humano” e não deveria ser entendido como central para a vida humana, considerando que isso impossibilita que o indivíduo se desenvolva de forma plena (Paes de Paula, 2007). Inspirada em Guerreiro Ramos, Paes de Paula (2007, p 182) enfatizou que:

a abordagem substantiva da teoria organizacional procura, justamente, meios de eliminar as compulsões desnecessárias que agem sobre as atividades humanas nos sistemas sociais em geral e, também, meios de atender adequadamente às necessidades de atualização pessoal dos seres humanos.

O percurso para uma nova ordem social fica atrelado a uma perspectiva de emancipação dos indivíduos do universo da produtividade. Guerreiro Ramos, partindo de perspectivas anteriores demonstrou a necessidade de vislumbrarmos outras formas de ordenação social, sendo que a existente, ou seja, a centrada no mercado, não anula outros caminhos de produção, mas para isso é necessário partir de pressupostos alternativos à lógica utilitarista instalada tanto no campo de estudo quanto no meio social (Serva, 1997).

Metodologia

O cinema é uma ferramenta expressiva e significativa para evidenciar os acontecimentos cotidianos, dando significado a estes (Fernandes & Siqueira, 2006). Dessa forma, é possível abordar diversas temáticas a partir de uma história fictícia e encontrar sentido para as situações retratadas no contexto social. Este trabalho tem como objetivo discutir como a análise fílmica de *Human* contribui para a construção de uma reflexão acerca da transgressão da essência do ser humano ocasionada pela racionalidade instrumental. Para isso, pretende-se investigar como a imposição estrutural da realidade social desloca as trajetórias de vida e impossibilita que os indivíduos direcionem suas vidas por meio de uma racionalidade substantiva.

Para Huczynki e Buchanan (2004), os filmes podem ser compreendidos como reflexos da realidade ou mesmo como artefatos culturais que moldam e constituem nosso entendimento do social e da vida organizacional. Neste sentido, o presente artigo traz como proposta metodológica a análise fílmica, ancorando-se nos métodos de análise observacional e análise crítica do discurso para desvendar os objetivos propostos.

A análise fílmica enquanto metodologia de pesquisa consiste em explicar um determinado filme e propor-lhe uma interpretação (Penafria, 2009). Trata-se, acima de tudo, de uma abordagem que fragmenta os elementos de um filme e, após a identificação desses elementos busca estabelecer uma articulação entre eles. Para realizar a análise fílmica é necessário considerar tanto os aspectos internos (linguagem audiovisual) quanto os externos (temporalidades) ao filme (Mombelli & Tomaim, 2015). Os aspectos internos (linguagem audiovisual) consistem na época que o filme retrata, o período econômico, social, cultural em que ele é produzido, e o tempo da arte, que se refere ao movimento do cinema ao qual os filmes; já os externos são aqueles ligados às temporalidades.

Penafria (2009) salienta ainda que, independente da escolha pela realização da análise interna ou externa, a retirada de fotogramas do filme representa uma atividade de grande importância, uma vez que eles funcionam como um suporte fundamental para a reflexão por permitirem fixar algo movente (as imagens de um filme). Esses fotogramas, de acordo com a autora, não devem ser utilizados apenas como forma de embelezar o texto, mas objetivando estabelecer um laço afetivo com o filme, por meio da criação de uma numeração que auxilie nessa interpretação. Parte-se, portanto, do texto fílmico para “desconstruí-lo” e obter um conjunto de elementos distintos do próprio filme (Vanoye & Galiot-Lété, 2008).

Apontamentos metodológicos da análise fílmica

Embora não exista uma metodologia universalmente aceita para se realizar a análise fílmica (Aumont & Marie, 2009; Oliveira, 2018), duas etapas importantes são comumente admitidas nesse processo: a decomposição e a crítica (Penafria, 2009).

A primeira etapa, a decomposição, de acordo com Penafria (2019), significa descrever e, em seguida, determinar e compreender as relações entre esses elementos que foram decompostos. A autora salienta ainda que essa etapa, também relacionada à ideia de “interpretar”, recorre a conceitos relativos à imagem, ao som e à estrutura do filme. Além disso, trata-se de uma atividade que separa e desune elementos e posteriormente se encarrega de realizar uma reconstrução desses elementos, objetivando a percepção do modo como esses elementos foram associados no filme. Vanoye e Golliot-Lété (2016) salientam, entretanto, que o filme deve ser o ponto de partida para a sua decomposição e o ponto de chegada para a etapa de reconstrução do filme. “Este segundo movimento em direção ao filme evita cair em interpretações/observações despropositadas ou pouco pertinentes” (Penafria, 2009, p. 2).

Já a segunda etapa, a crítica, representa a atividade em que há a avaliação do filme e lhe são atribuídos juízos de valor, além de determinar a sua contribuição para a discussão de um tema específico, a sua cinematografia, contexto, conteúdo, discurso, estética, representação e verdade (Vanoye & Galiot-Lété, 2016). Penafria (2009) destaca, entretanto, que essa atividade representa algo distinto da crítica de cinema, pois, essa última, apresenta frases feitas que poderiam ser aplicadas a outros filmes que não os criticados e, na maioria das vezes, coloca de lado as características singulares e a especificidade de cada um dos filmes.

Oliveira (2018) apresenta um conjunto de elementos servíveis para o desenvolvimento de matrizes de análise de fontes fílmicas organizados pelo autor nas seguintes categorias: a descrição inicial; a decomposição da estrutura do filme; e, por fim, os elementos para crítica e análise do conteúdo (narrativa) fílmica.

De acordo com o autor, as duas primeiras divisões do quadro apresentam tópicos fundamentais para a descrição inicial e para a decomposição do que se ouve e do que se vê do filme. O grau de interpretação do filme depende dessas primeiras etapas, já que uma interpretação desfavorável ou mesmo inapropriada pode ocorrer quando se interpreta um filme sem a correta descrição e decomposição. Já o grau de precisão da observação dos elementos presentes no último tópico do quadro dependerá do que o pesquisador almeja alcançar. Contudo, a efetividade na análise do filme é demonstrada “por meio da arte de manipular e se relacionar corretamente com o objeto de estudo, de associar os elementos de crítica e análise relevantes e significativos e de interpretá-los coerentemente” (Oliveira, 2018, p. 8).

Por fim, Alves (2006) descreve que um filme não é apenas um texto a ser interpretado de forma isolada, preso aos elementos de sua estrutura e a intenção de quem o criou, mas algo que produz um efeito maior, gerando uma auto reflexividade crítica de seu receptor com base no conhecimento de mundo e experiências que ele possui. Da mesma forma, França (2002) destaca que haverá sempre uma leitura pessoal do filme por parte do pesquisador, com base em sua visão e posição no mundo social e capital cultural acumulado.

Assim, para se alcançar o objetivo proposto, a análise fílmica do presente estudo foi organizada da seguinte maneira: a) apresentação do filme documentário *Human*; b) decomposições sobre as relações de trabalho e a lógica instrumental; c) reflexões sobre a prática para o coletivo como fundamento da essência humana.

Análise da obra

Apresentação do filme documentário *Human*

O documentário foi dirigido pelo fotógrafo, diretor e ambientalista francês Yann Arthus-Bertrand, que nasceu em 1946 e sempre nutriu paixão pelos animais e pelo mundo natural. Por ocasião da primeira Cúpula da Terra no Rio em 1992, Yann decidiu embarcar em um grande projeto fotográfico sobre o estado do mundo e seus habitantes: *Earth from above*. Este livro teve sucesso internacional, vendendo mais de três milhões de cópias. Sua exposição fotográfica ao ar livre foi exibida em cerca de 100 países e vista por cerca de 200 milhões de pessoas. Yann continuou seu compromisso com a causa ambiental com a criação da Fundação *GoodPlanet*.

Desde 2005, a organização sem fins lucrativos Fundação *GoodPlanet* vem investindo na educação das pessoas sobre o meio ambiente e a luta contra as mudanças climáticas. Este compromisso o viu nomeado Embaixador da Boa Vontade do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente em 2009. Nesse mesmo ano, ele fez seu primeiro longa-metragem, *HOME*, sobre o estado do planeta, que foi visto por quase 600 milhões de espectadores em todo o mundo. Disponível gratuitamente no YouTube é o filme ambiental mais importante da década. Trata-se de uma reflexão pessoal que se estende por mais de trinta anos e o primeiro passo no caminho que conduz Yann Arthus-Bertrand ao seu projeto: *Human*.

Human é uma produção formatada com vistas a explorar as perspectivas dos seres humanos, das mais diversificadas culturas, acerca de suas essências de forma a compreender o que realmente somos. A produção, com duração total de 191'06", foi dividida em três volumes, disponibilizados na plataforma YouTube.

- O volume 1, com duração de 83'20", aborda temas sobre amor, mulheres, trabalho e pobreza;
- O volume 2, com 86'18", aborda reflexões sobre guerra, perdão, homossexualidade, família e vida após a morte;
- O volume 3, com 93'21", aborda assuntos como felicidade, educação, deficiência, corrupção e sentido da vida.

O documentário tenta explorar uma grande variedade de perspectivas dos seres humanos para tentar entender o que realmente somos. Há depoimentos de refugiados sírios, veteranos de guerra dos Estados Unidos, condenados à pena de morte, camponeses, aborígenes, ex-presidentes e pessoas das mais diversas nacionalidades que vivem realidades totalmente diferentes umas das outras.

A estrutura de *Human* varia entre a entrevista de vários humanos em um fundo preto e a passagem de diversas imagens do planeta (com ou sem humanos). Além das imagens fantásticas, tudo o que se pode ouvir são as vozes: das pessoas, do planeta e da música. As vozes das pessoas expõem os contrastes, a diversidade, a miríade de sentimentos e corações. As vozes do planeta aparecem na forma de imagens lacônicas, a força da natureza, o próprio planeta em contraste com o humano e suas criações.

A trilha sonora que emerge os mais profundos sentimentos, sobre o que é dito e o que é visto, ficou sob comando de Armand Amar que em 2009 compôs e assinou a trilha sonora de "*HOME*" - que um ano depois lhe rendeu o prêmio de melhor trilha sonora original do IFMCA. Em 2012, ele também compôs a trilha sonora de "Planeta oceano", um documentário dirigido por Yann Arthus-Bertrand e Michael Pitiot. Assim, é natural que o Yann convidasse Armand para compor e assinar a banda sonora de *Human* em 2015.

As entrevistas do documentário foram gravadas com as pessoas na frente de um fundo preto e seus rostos em close-up, remetendo a dimensão do individual. Nesse momento as pessoas já demonstram o quanto são iguais e diferentes entre si e o quanto suas histórias se relacionam. Depois temos as imagens aéreas que dão uma noção de todo, de contexto, de espaço, de interação e integração. De que não estamos sozinhos e nossas vidas se cruzam pelo mundo. Dezenas de pessoas, de diferentes nacionalidades, etnias, religiões, gêneros, cores, línguas, profissões e classes sociais foram entrevistadas sobre assuntos da existência humana, como a felicidade, a morte, a pobreza, desigualdade de gênero ou o sentido da vida. Mais do que um filme, a produção consiste em um projeto grandioso e impecável.

A grandeza do documentário não se traduz apenas com a produção cinematográfica em si, mas sobretudo com os próprios depoimentos de cada indivíduo enquanto seres sociais. A fim de promover um debate cuja centralidade envolve a essência humana captada pelo documentário, foram escolhidos fragmentos da produção e subdivididos em: (i) Relações de trabalho e a lógica instrumental e (ii) A prática para o coletivo como fundamento da essência humana. Os trechos foram transcritos e em seguida, realizou-se a análise do “todo significativo” (Vanoye & Goliot-Lété, 2008, p. 15) com base no referencial proposto.

(i) Relações de trabalho e a lógica instrumental

Mostafa - Bangladesh (aos 48’29” do Vol. 1)

Sou um operário bengali da indústria têxtil. Me revolto quando um comprador vem visitar o proprietário da fábrica ou a equipe de marketing para negociar o preço de um pedido. Quando outros países baixam o preço, nosso comprador escolhe o mais barato. Ele deveria pensar: “Se o Bangladesh me fornece roupas de qualidade, porque não pagar um preço justo?” Mas sempre somos desprezados. Por todo mundo. Não por uma pessoa específica. É o consumidor final quem me rouba. E o que eu posso fazer? O que é que... Como podemos ficar felizes? Como?

Yujian - China (aos 49’25” do Vol. 1)

Meu trabalho de todo dia é olhar garrafas vazias. Eu as pego e olho atentamente, para ver se tem algo dentro. É o que eu faço todos os dias. Começo às 07:30 e largo às 19:30. Às vezes começo às 19:30 e largo às 07:00. Chego em casa às 08:00. A coisa mais importante que eu faço é olhar garrafas, todos os dias. Quando trabalho das 07:00 às 19:00, fico olhando garrafas durante 12 horas.

Yu-Qian - China (aos 50’02” do Ep.1)

Muita coisa é proibida na fábrica: é proibido falar; é proibido atender o telefone. Para ir ao banheiro, temos que pedir ao gerente autorização. E é uma pessoa de cada vez. Em relação à produtividade, exigem muito. Temos uma cota horária., eles verificam. Se não atingirmos a cota, reclamam e muitas vezes nos insultam. É insuportável; a pressão é constante. Estou exausta. Não aguento mais. Mas não tenho outra escolha.

Leon - França (aos 50’58” do Vol.1)

Eu comecei a montar veículos pelos pedais. Então eu tinha de pegar o pedal que pesava cerca de 5 quilos. Não é muito para quem pratica esportes regularmente. Mas eu tinha que passar o pedal sobre carro. O capô ainda não estava montado; eu passava por cima do carro, quase encostando e colocava o pedal lá dentro. Todos os músculos das costas se estendiam e se contraíam. No início, essa peça é difícil de montar. Você fica forçando sem conseguir. Você força as costas, sente dores; fica pingando de suor. Aí você vê que está atrasado, tem que ir mais rápido. Parece que a linha de produção vai mais rápido do que você pensava. É realmente bem difícil. Umas pessoas vêm e dizem: “mais rápido, você está atrasado. Vai prejudicar os outros. Você tem que acelerar, apressa aí”. Eles vêm, reajustam seu ritmo, e você se atrasa de novo. E isso dura a noite toda. Eu trabalhava no turno da noite. Então eu fazia isso a noite toda. Chegando em casa, eu percebia que na realidade, tinha feito

exercício físico, tanto com o corpo quanto com a mente porque é uma luta constante entre a vontade de largar tudo e ir para a casa; porque é um trabalho de escravo e a determinação de não desistir: “Se outros conseguem porque eu não?” Eu continuei, mas durante um mês em casa eu colocava um travesseiro sob a barriga, porque meu corpo estava esgotado.

Jonathan - França (aos 53’ do Vol.1)

O trabalhador honesto não é rico. Estou falando de quem trabalha em empresa, não de alguém que herdou um negócio e só fez circular milhões de euros numa empresa. Essas pessoas não trabalham, só assinam papéis num escritório. De repente, são até ladrões como eu. Com certeza. Quando ouço falar em trabalhador, penso em alguém que se levanta de manhã e realmente faz um trabalho. Eu não conheço ninguém rico. Mas veja minha mãe, ela foi trabalhar todas as manhãs. Hoje está com 40 anos e não é rica. Ela trabalhou a vida toda.

Donato - México (aos 56’37” do Vol.1)

Nós cortamos cana e é um trabalho muito duro. Mas é só o que temos, devemos trabalhar. Embora seja um trabalho duro. Não temos outra coisa na vida. O sol nos queima, mas seguimos trabalhando. É preciso trabalhar muito para comer. Senão, não temos nada para comer.

Constantinos - Grécia (aos 57’03” do Vol. 1)

Perder o emprego foi um choque enorme; e não achar outro foi um choque ainda maior. Fazia 27 anos que eu trabalhava. Quando eu tive de voltar para a casa da minha mãe, acima de tudo me senti humilhado. Foi um sentimento devastador. Fui ficando mais deprimido, cada vez mais. E me perguntei: “Será que minha vida acabou aos 47? Que não tenho mais nada a dar? Nada mais?” E esses pensamentos não deixam você sair e se comunicar. Você se olhar no espelho e pensa: “Quem é você, seu otário? Está fazendo o quê? Está fazendo o quê nessa vida? Para que você respira? Para que vê o sol? O que é que torna você útil nessa sua vida descontrolada? Por que aos 47 teve de voltar para a casa da sua mãe? Por medo de acabar na rua?” Tenho sim, medo de acabar na rua e essa humilhação vira fúria. Porque você precisa desabafar e não sabe como.

Stephen - Austrália (aos 69’38” do Vol. 1)

Das pessoas mais generosas que eu conheço, algumas não têm dinheiro, e deve ser assim. Quando não se tem dinheiro, vive-se de outra forma. Os anciões, por exemplo. Nossa língua não tem palavras para dizer “por favor” e “obrigado”, porque se espera que compartilhem e demos o que temos. Hoje temos de dizer “por favor” e “obrigado”, temos de implorar. Antigamente era normal compartilhar tudo; fazia parte da nossa identidade. E não só para os aborígenes. Eu imagino que no mundo todo, fazia-se a mesma coisa antes do dinheiro. Mas agora é: “Isso é meu”. Tem palavra para “meu”. Não se compartilha mais nada. E virou.... isso nos mata como seres humanos, como sociedade, como raça. Quando digo raça, refiro-me à raça humana. Negamos abrigo aos outros, negamos comida, negamos a sobrevivência, somente por causa do dinheiro.

José Mujica - Uruguai (aos 75’07” do Vol. 1)

A forma como vivemos e nossos valores são a expressão da sociedade na qual vivemos; e a gente se agarra a isso. Não digo isso por ser presidente do Uruguai hoje. Pensei muito sobre isso. Passei mais de dez anos na solitária, tive tempo. Em sete anos nem sequer li um livro. Tive muito tempo para pensar, e descobri o seguinte: Ou você é feliz com pouco, com pouca bagagem, pois a felicidade está em você ou não consegue nada. Isso não é a apologia da pobreza, mas da sobriedade. Só que inventamos uma sociedade de consumo, e a economia tem de crescer, ou acontece uma tragédia. Inventamos uma montanha de consumos supérfluos. Compra-se e descarta-se, mas o que se gasta é tempo de vida. Quando compro algo, ou você compra, não pagamos com dinheiro, pagamos com tempo de vida que

tivemos de gastar para ter aquele dinheiro, mas tem um detalhe, tudo se compra menos a vida. A vida se gasta e é lamentável desperdiçar a vida para perder a liberdade.

Sophie - Camboja (aos 46'43" do Vol.3)

Perdi terra, casa e abrigo. A empresa de açúcar que me expulsou. Me considera como ser humano? O gerente geral dessa empresa; "o senhor é humano? Então por que destruiu minha casa e minha lavoura? O senhor também se alimenta, com arroz dos camponeses. O senhor fica rico com o trabalho deles. Para sobreviver, os camponeses dependem da terra. O arroz que o senhor come, é colhido pelos camponeses. Por que o senhor e sua empresa destroem a terra dos camponeses? Onde o senhor nasceu? Vocês são todos cambojanos, não são? Não pensam na miséria dos seus compatriotas? Vocês destruíram minha terra e minha vida como se eu fosse bicho, mas até os bichos têm abrigo."

Sainath - Índia (aos 58'54" do Vol.3)

Este ano eu cobri uma seca muito severa no estado de Maharashtra, na Índia. Por um lado, vi pessoas desamparadas por causa da crise da água. Por outro lado, vi prédios sendo construídos com piscina em cada andar. Não eram prédios de três, quatro andares. Em Bombaim, duas torres gêmeas estão sendo construídas com 37 andares cada; ou seja, são 74 piscinas, são torres gêmeas. Fui ver quem eram os trabalhadores dessa obra. São todos trabalhadores sem terra; os agricultores marginais que deixaram seus povoados como retirantes da crise de água e estão na cidade construindo nossas piscinas. Que humilhação! Que injustiça! O setor que mais cresce na Índia não é a informática, é a desigualdade. Isso me deixa furioso! Para mim, é inaceitável essa relação direta entre a riqueza de uns poucos e a miséria de tantos. É inaceitável.

(ii) A prática para o coletivo como fundamento da essência humana

Sophie - Irlanda (aos 22'19" do Vol.3)

O momento decisivo da minha vida foi quando eu morava num refúgio para mulheres; apartamento social. Vi um amigo morrer tragicamente de overdose. Tive de dizer aos pais dele no tribunal porque aquele garoto tinha perdido a vida. E me vi diante de dois caminhos: segui-lo junto a morte ou fazer algo com a minha vida. Dias depois fui ao colégio do bairro e pedi a eles: "Por favor, me ensinem. Eu quero aprender." Tinha um professor incrível lá, na época. Ele se chamava Paul. E Paul me disse: "Venha aprender comigo; ensino educação física e quero você nas minhas aulas Sophie." Lembro que pensei: "Esse cara é demais; ele me aceita sem eu ter qualificações. Paul me pegava nas pensões para os sem-teto e me levava ao ringue de boxe. Um dia eu estava lutando com Paul, dando socos na barriga dele. Ele gritava de dor. Perguntei qual era o problema e ele disse que tinha câncer no estômago. Paul passou os últimos dois anos de vida interagindo comigo para me fazer acreditar em mim mesma. Ele morreu antes de eu me formar, mas acreditou que eu podia entrar na universidade. Ele fez isso tudo nos últimos dois anos de vida. É preciso ser alguém excepcional para encarar a morte e se dizer: "Eu não vou desistir; vou ajudar as pessoas a acreditarem em si." Ele fez isso por mim e me fez perceber que eu podia vencer.

Petronila - República Dominicana (aos 33'18" do Vol.2)

Nossa vizinhança se respeita e se ama. Quando um vizinho precisa de mim eu ajudo. Quando preciso de algo peço a um vizinho. Não vamos à mercearia para tudo. Se preciso de feijão, de banana-da-terra, peço a um vizinho e ele me dá. Eu consigo tudo com meus vizinhos; nós nos damos muito bem. Convivemos bem.

Don - França (aos 77'16" do Vol. 2)

Eu não tenho medo de morrer. Não sei se Deus existe ou não, mas prefiro acreditar. E quando olho para o universo, espero que nosso espírito vá para algum lugar onde nos reconhecamos uns aos outros. Além dos meus pais, eu adoraria rever meu

melhor amigo Shaunie, que morreu quando tinha 21 anos. Eu adoraria passar tempo com ele, viajando de carona pelo céu como fazíamos aqui na Terra quando éramos jovens. Também adoraria encontrar todas as pessoas maravilhosas que tentaram tornar o mundo melhor; e trabalharam pela justiça e pela paz no mundo. Para mim, isso é mais importante. E quando analisamos as grandes religiões, filosofias e ideologias e tentamos simplificar dogmas e teologias complexos, tudo se resume ao amor. Então espero, que meu espírito seja levado para um grande balé e uma grande dança cósmica de amor, onde não haja mais sofrimento, nem tristeza. Onde não possamos mais magoar ou ser magoados. E onde possamos realmente celebrar o grande dom da consciência, o grande dom de ser, o grande dom da vida. E se, afinal, Deus não existir, ainda sou grato, pelo dom da vida. Sempre penso que as últimas palavras que gostaria de dizer antes de morrer são: “Obrigado; obrigado pelo dom da vida”.

Aidan - Austrália (aos 75'19" do Vol. 2)

A experiência mais difícil que já tive na vida foi a morte do meu pai. Eu me lembro; ele morreu há pouco tempo; ele era tão importante para mim. Foi ele que me ensinou a viver e aproveitar a vida. Sabe, ele morreu nos meus braços. Eu me lembro que logo antes de ele morrer, eu senti um frio: o calor do corpo dele sumindo, e um frio envolvendo-o. Aí ele morreu; foi como se uma parte dele tivesse deixado o corpo. E foi, para mim, um lembrete de como essa vida é preciosa e como somos todos importantes uns para os outros

Bill Gates - Estados Unidos (depoimento avulso com duração total de 3'07")

Fui uma criança sortuda. Meus pais compravam livros para mim; me incentivavam a aprender coisas; me puseram em uma ótima escola. Acabei me interessando por ciência.... Eu me sinto muito sortudo por meu sucesso com a Microsoft, ter criado algo, um valor econômico. Agora tenho a responsabilidade e o privilégio de trabalhar com a minha mulher Melinda para redistribuir esse valor pelo mundo. Para comprar vacinas; disponibilizar métodos anticoncepcionais; promover o avanço da ciência, a fim de ajudar os mais pobres. Então, adoro esse trabalho. Meu trabalho na Microsoft me preparou para essa fase... A fundação tem objetivos ambiciosos. Estamos tentando eliminar a mortalidade infantil. Podemos progredir muito nessa área se nos empenharmos mesmo.

Francine - França (depoimento avulso com duração total de 4'55")

Meu nome é Francine Christophe. Nasci dia 18 de agosto de 1933. 1933 foi o ano em que Hitler tomou o poder... (Francine mostra uma estrela amarela com um símbolo¹). Aqui está, minha estrela. Eu usava no peito, obviamente como todos os judeus...No meu campo, em Bergen-Belsen aconteceu algo extraordinário. Quero lembrar que éramos filhas de prisioneiros de guerra, logo privilegiadas. Tivemos o direito de levar da França, uma bolsinha com umas coisinhas... Minha mãe levou dois pedacinhos de chocolate. Ela me dizia: “Isso vai ser para quando eu a vir realmente, completamente no chão, acabada. Esse chocolate talvez a ajude a se reerguer.” Entre nós havia uma mulher deportada, quando estava grávida. Não se via de tão magra que estava, mas chegou o dia do parto e ela foi à enfermaria com a minha mãe, que era nossa chefe de barraca. Antes de sair minha mãe me disse: “Lembra que tenho um pedaço de chocolate? Lembro mamãe. Como você se sente? Bem mamãe, estou bem. Então se me permitir, vou levar aquele pedaço de chocolate a nossa amiga Hélène. Um parto aqui, talvez ela morra. E se eu lhe der o chocolate, talvez ajude. Certo mamãe, pode levar.” Hélène deu a luz a um bebê...Ela comeu o chocolate, não morreu... O bebê jamais chorou, jamais... Seis meses depois veio a liberação. Tiraram todos os trapos. O bebê gritou. Foi ali que ele nasceu... Organizei

¹ Trata-se dos “símbolos que os judeus foram obrigados a usar na Alemanha nazista, a mando de Hitler, como um sinal distintivo de sua etnia judaica” (Ragusa, 2019, p. 58).

uma conferência sobre o seguinte tema “Se tivesse havido psicólogos quando voltamos dos campos, como teria sido?”

Veio muita gente, idosos, sobreviventes, curiosos e muitos psicólogos, psiquiatras, psicoterapeutas... foi ótimo... Aí veio uma mulher e disse: “Eu moro em Marselha, sou médica psiquiatra. E antes de fazer minha comunicação, tenho algo a dar a Francine Christophe.” Ou seja, a mim. Ela procurou no bolso, tirou um pedaço de chocolate. Deu-o a mim e me disse: “Eu sou o bebê.”

Os fragmentos apresentados no item (i) de forma a retratar as relações dos seres humanos com o trabalho, foram aqueles em que foi possível perceber a perversidade dos impactos que a racionalidade instrumental ocasiona na vida dos seres humanos. São depoimentos de trabalhadores de linha de produção, em sua maioria. Mostafa, ao apresentar seu descontentamento com a transação do proprietário da fábrica relaciona a ação ao que ele chama de “roubo” pelo consumidor final, o que corrobora que a instrumentalidade da sociedade toma grandiosas proporções numa dinâmica em que ela é que organiza a vida dos sujeitos conforme apontou Marcuse (1975). Com essa mesma compreensão, se apresenta a fala de Sophie. Na perspectiva em que há uma indústria cultural que propala esse formato (Kellner, 2001), os indivíduos a ele atrelados se tornam aprisionados alheios às questões da coletividade.

Yujian, Yu-Qian e Leon por meio de seus depoimentos tornaram reais a lógica capitalista que vai desde o encarceramento do indivíduo em um cosmos organizacional (Weber, 1999), passando pela permissividade dos homens na exploração da sua própria raça (Arendt, 2019), à mensuração do desempenho humano enquanto recurso organizacional (Ramos, 1984; Muzzio, 2014). Percebeu-se, a partir da compreensão individual das suas relações de trabalho, a tensão proeminente advinda das organizações de forma a limitar a autonomia de seus trabalhadores, por meio de ambientes abusivos, insólitos e geradores de infelicidade (Ramos, 1981; Serva, 2015)

Jonathan por outro lado, ao relatar seu sentimento, ratifica o que Enriquez (1997) aponta em relação à conformidade dos indivíduos com o exercício de trabalhos subalternos ou em pertencer a um grupo marginalizado, neste caso por não aceitar o formato instrumental imposto. De certa forma, Jonathan se torna ciente do futuro que foi traçado à sua mãe, pois mesmo trabalhando por quarenta anos, não alcançou a riqueza. Torna-se ciente, ainda, de que tanto a segurança quanto a perenidade são só estão garantidas às organizações (Enriquez, 1997).

Donato e Constantinos transmitem uma ligação com o trabalho que se apresenta como uma vocação, o fundamento do sentido de suas existências (Silva, 2001). A fala específica de Constantinos demonstra a sua ligação com o *modus operandi* social, por se considerar inútil pelo fato de não possuir um emprego. Stephen, José Mujica e Sainath descrevem situações em que a sociedade do consumo torna os indivíduos alienados e isso se deve à indústria cultural, que se insere ao meio como legitimador do ordenamento social capitalista (Kellner, 2001); onde a alteridade dos indivíduos se torna aniquilada (Enriquez, 1997). São depoimentos que transmitem, ainda, como o ciclo da vida humana foi transgredido e se resume a duas partes indissociáveis, trabalhar e consumir (Arendt, 2019).

De forma geral, ao analisar em profundidade a mensagem transmitida por cada um dos indivíduos cujas falas foram aqui transcritas, percebeu-se que, em comum, eles carregam o cansaço de um sistema que nega suas subjetividades (Enriquez, 1997). Contudo, refletem acerca do descontentamento com o cenário que a eles se apresenta e que já não supre suas carências básicas e assim, por meio dessas reflexões, o contexto se alinha ao que Ramos (1984) descreveu acerca da racionalidade instrumental; a explicação dos fenômenos se torna inoperante pois não contempla a explicação das subjetividades dos seres humanos (Ramos, 1984; Paes de Paula, 2014).

Os fragmentos transcritos no item (ii) foram escolhidos de forma a melhor representar a essência humana como fonte de prática para o coletivo. Neste sentido, em todos os fragmentos percebeu-se que os indivíduos, por meio dos seus relatos se apresentaram como integrados com o meio social na intenção de se responsabilizarem pelo próximo. Assim, os fragmentos legitimaram que a racionalidade oriunda da psique humana tende a ser substantiva, ou seja, permite que os indivíduos organizem e dirijam duas vidas em busca da autorrealização e autodesenvolvimento (Ramos, 1984; Lima, Amorim & Fisher, 2015), bem como da satisfação social (Serva, 1997).

A lógica instrumental é presente nas relações de trabalho e aqui foi utilizada para o esclarecimento de parte dos fenômenos que circundam o ser humano e o meio social, utilizando-se de fragmentos do documentário filme *Human*. No que diz respeito ao entendimento da razão de cada indivíduo, no sentido substantivo e pertinente à psique humana, houve a necessidade de atrelarmos à racionalidade instrumental, outras compreensões teóricas, permitindo uma melhor compreensão das relações sociais a partir da essência humana. Neste sentido, caminhamos para a razão substantiva que Guerreiro Ramos defendeu e que aqui foi vislumbrada como possível caminho para a reordenação social. Os indivíduos são por vezes deslocados ou transgredidos pelos formatos institucionais, mas em sua essência detêm suas próprias alteridades e perpassam a instrumentalidade a caminho de práticas para o coletivo.

Conclusão

O filme documentário *Human* é uma construção cinematográfica única, que mescla a experiência do diretor e ambientalista Yann Arthus-Bertrand em capturar extraordinários cenários do planeta terra, com a subjetividade dos indivíduos participantes nos registros de parte da essência de cada um. As imagens dos elementos ambientais e urbanos ao redor do mundo e os depoimentos narrados se transformaram em uma verdadeira obra prima fílmica. Percebeu-se que, nesse aspecto, a obra se trata de uma potência visual e conteudista, sendo possível provocar reflexões em temáticas variadas que compõe o cerne da existência humana na terra.

O propósito deste trabalho foi acender uma discussão baseada no que denominamos de transgressão da essência humana pela racionalidade instrumental e em complemento, provocar reflexões acerca da necessidade de vislumbrarmos uma “prática para o coletivo”. Nesse sentido foi possível resgatar fragmentos do filme documentário *Human* e contrapor as narrativas com os apontamentos teóricos que tratam da questão.

Em relação a razão substantiva de Guerreiro Ramos, percebeu-se que os indivíduos, em sua essência, são dotados de percepções próprias do contexto social em que estão imbuídos. Tal qual aponta Guerreiro Ramos, constatou-se após análise dos fragmentos discursivos de *Human*, que o aporte teórico da Escola de Frankfurt foi fundamental para o início de uma discussão necessária no meio acadêmico, mas não se completa quando a observação é direcionada ao ser humano e à sua razão, esta em sentido substantivo.

Constatou-se, por fim, que o trabalho analítico do filme documentário *Human* ocasiona algumas limitações, mas não se esgota. Trata-se de uma obra necessária de discussão e, sob essa perspectiva, novos estudos podem ser especulados relacionando temáticas como as questões de gênero, raciais, deficiência, culturais e de religião. *Human* convida o telespectador a desfrutar, perceber, analisar, impactar-se e, sobretudo, refletir sobre o sentido da vida humana e suas consequências ao meio social e ao planeta terra.

REFERENCIAL

Alves, G. (2006). *Trabalho e Cinema: O Mundo do Trabalho Através do Cinema*. Bauru: Ed. Praxis.

- Aumont, J. & Marie, M. (2009). *A análise do filme* (Trad. Félix, M.). Lisboa, Portugal: Texto e Grafia.
- Arendt, H. (2019). Trabalho, Obra, Ação. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, 2(7), 175-202. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/163481>
- Arthus-Bertrand, Y. (Diretor), & Gilard, F. (Produtor). (2015). *Human* [Filme/YouTube]. França: Humankind Production.
- Boeira, S. (2002). Ecologia política: Guerreiro Ramos e Fritjof Capra. *Ambiente & Sociedade*, (10), 85-105. <http://doi.org/10.1590/S1414-753X2002000100006>
- Carmo, L. J. O.; Silva, A. F. Teixeira, M. B.M. T. & Vasconcelos, L. M. G. (2018). Gattaca: Reflexões sobre o Instrumentalismo da Gestão. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 1165-1217. <http://doi.org/10.25113/farol.v5i14.4393>
- Fernandes, W. & Siqueira, V. (2006). Cinema e relações de gênero: ouvindo mulheres idosas. In Reunião anual da associação nacional de pesquisa e pós-graduação em educação. *Anais Caxambu: ANPED*.
- França, A. R. (2002). *Das teorias do cinema à análise fílmica*. Dissertação (Mestrado). Recuperado de <http://www.andrefranca.com/andre/dissertacao.pdf>
- Horkheimer, M. (1990). *Teoria Crítica: uma documentação* (Trad. Cohn, H.). São Paulo: Perspectiva.
- Huczynski, A. & Buchanan, D. (2004). Theory from fiction: a narrative process perspective on the pedagogical use of feature film. *Journal of Management Education*. 28(6), 707-726. <http://doi.org/10.1177/1052562903262163>
- Kellner, D. (2001). *A Cultura de Mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno* (Trad. Benedetti, I. C). Bauru: EDUSC.
- Lima, L. C., Amorim, W. A. C. de, & Fischer, A. L. (2015). Da Racionalidade Instrumental para a Substantiva: explorando possibilidades da Gestão De Clima Organizacional. *TPA - Teoria E Prática Em Administração*, 5(1), 159-182. <http://doi.org/10.21714/2238-104X2015v5i1-19838>
- Marcuse, H. (1976). *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Marcuse, H. (2018). Agressividade em sociedades industriais avançadas. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, 2(1. 2), 20-41, junho. Recuperado de <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/issue/view/208>
- Marcuse, H. (2018a). Ecologia e crítica da sociedade moderna. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, 2(1. 2), 190-203, junho. Recuperado de <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/issue/view/208>
- Mombelli, N. F. & Tomain, C. D. S. (2015). Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. *Lumina*, 8(2), 1-17, janeiro. <http://doi.org/10.34019/1981-4070.2014.v8.21098>
- Montenegro, T. M. & Ferreira, R. S. S. (2019). A estratificação social na América Latina representada nos espaços domésticos e simbólicos: uma análise comparativa dos filmes *Que Horas Ela Volta?* e *Roma*. *Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual*, 8(2), 80-104. <http://doi.org/10.22475/rebeca.v8n2.576>
- Muzzio, H. (2014). A Condição Paradoxal da Administração de Recursos Humanos: Entre a Racionalidade Instrumental e a Racionalidade Substantiva. *Cad. EBAPE.BR*, 12(3), 706-718, Jul./Set. <http://dx.doi.org/10.1590/1679-39519373>
- Oliveira, A. B. de. (2017). Uso de fontes fílmicas em pesquisas sócio históricas da área da saúde. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 26(4). <http://doi.org/10.1590/0104-07072017000320017>

- Paes de Paula, A. P. (2007). Guerreiro Ramos: Resgatando o Pensamento de um sociólogo crítico das organizações. *Organização & Sociedade*, 14(40), 169-188. <http://doi.org/10.1590/S1984-92302007000100010>
- Penafria, M. (2009). Análise de Filmes – conceitos e metodologia(s). In: *VI Congresso SOPCOM*, 10p.
- Pizza Júnior, W. (1994). Razão substantiva. *Revista de Administração Pública*, 28(2), 7-14. Recuperado de <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/8375>
- Rabelo, A. N. S., Mendes, A. T. V., de Araújo, F. A., & Menezes, R. de A. G. (2017). Da natureza humana à racionalidade instrumental: uma leitura das Relações Internacionais a partir da passagem do mito ao logos. *Fronteira: Revista De iniciação científica Em Relações Internacionais*, 14(27e28), 89-111. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/13170>
- Ragusa, H. (2019). Um relato de experiência: A segunda guerra mundial no ensino de história no ensino médio. In: Ramos, M. E. T. (Org.). *Conhecimento Histórico Escolar: sujeitos, práticas, suportes*. Maringá: Edições Diálogos.
- Ramos, A. G. (1984). Modelos de Homem e Teoria Administrativa. *Revista de Administração Pública - RAP*, 18(2), 3-12. Recuperado de <http://www.spell.org.br/documentos/ver/14877/modelos-de-homem-e-teoria-administrativa/i/pt-br>
- Ramos, A. G. (1989). *A nova ciência das organizações* (Trad. Cardoso, M). 2.ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- Santos, J. S. dos. (2019). *As Tensões entre a Racionalidade Instrumental e a Racionalidade Substantiva: um estudo de caso de uma Unidade Acadêmica de Artes em uma Instituição Federal de Ensino Superior*. Dissertação (Mestrado). Recuperado de <https://wp.ufpel.edu.br/profiap/files/2019/12/TCF-Jocasta.pdf>
- Serva, M. (1997). A racionalidade substantiva demonstrada na prática administrativa. *Revista de Administração de Empresas*, 37(2), 18-30. <http://doi.org/10.1590/S0034-75901997000200003>
- Serva, M.; Caitano, D.; Santos, L. & Siqueira, G. (2015). A análise da racionalidade nas organizações - um balanço do desenvolvimento de um campo de estudos no Brasil. *Cadernos EBAP.EBR*, 13(3), 414-437. <http://doi.org/10.1590/1679-395116344>
- Silva, S. L. P. (2001). Razão Instrumental e Razão Comunicativa: um ensaio sobre duas sociologias da racionalidade. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, 2(18). <https://doi.org/10.5007/944>
- Vanoye, F. & Goliot-Lété, A. (2008). *Ensaio sobre a análise fílmica* (Trad. Appenzeller, M.). 5a ed. Campinas: Papirus.
- Vanoye, F. & Goliot-Lété, A. (2016). *Ensaio sobre a análise fílmica*. 7a ed. Campinas: Papirus.
- Vizeu, F. (2004). *Organizações Burocratizadas rumo a Razão Comunicativa: O Caso de uma Instituição Psiquiátrica*. Dissertação (Mestrado). Recuperado de <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/30415/R%20-%20D%20-%20FABIO%20VIZEU%20FERREIRA.pdf?sequence=1>
- Weber, M. (1999). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 13a ed. São Paulo: Pioneira.